

Apartamento Brasileiro e Móvel de 1950: A Busca do Ideal Moderno

Brazilian's Apartment and Furniture of 1950's decade: Looking for Modernism

Pontual, Julice; Doutoranda em Design; Universidade Federal de Pernambuco
julicec@hotmail.com

Cavalcanti, Virginia; Dra. em Estruturas Ambientais e Urbanas; Universidade Federal de Pernambuco
cavalcanti_virginia@hotmail.com

Resumo

Este artigo relaciona design, arquitetura e contexto da década de 1950, considerando o móvel brasileiro como design, apartamento brasileiro como arquitetura e as questões relativas ao meio cultural, social, político e tecnológico como contexto. Os anos 1950 foram marcados pela busca da modernidade do Brasil, o que refletiu na configuração da moradia e sua mobília. Esta pesquisa é um recorte da Dissertação de Mestrado em Design da UFPE, intitulada *Formas de Morar no Brasil: Entre os 50 e 70*, que utilizou o método de abordagem dialético.

Palavras Chave: moradia brasileira; mobiliário brasileiro; década de 1950.

Abstract

This article pretends does a link by the Brazilian's habitation, furniture and setting of the 1950s decade. In this period, Brazil looked for houses and furniture's modernization as a reflex of the cultural Brazilian's setting. This article is part of a design's master research, concluded in 2009.

Keywords: *brazilian's house; brazilian's furniture; 1950s decade.*

Introdução

O espaço doméstico transcende ao puro espaço geométrico ao vê-lo como local de conforto e intimidade, palco permanente de atividades condicionadas à cultura e costumes de seus usuários que reflete as características do contexto envolvido. Como a moradia é um produto humano, é impossível percebê-la isolada das relações sociais que são constitutivas dos seres humanos.

Assim, a habitação e seus equipamentos, tais como sua mobília, podem ser vistos como um processo social que envolve múltiplas dimensões, tais como: a dimensão econômica que rege as condições mercadológicas; a dimensão política a qual determina as regras de sua produção; a dimensão tecnológica que envolve o processo produtivo; a dimensão sócio/cultural que define a lógica e os significados de sua utilização nos mais diversos grupos e situações sociais.

Diante da percepção desta ligação da moradia com seus equipamentos, como o mobiliário, e com as questões relativas ao meio cultural, social, político e tecnológico foi desenvolvida a dissertação *Formas de Morar no Brasil: Entre os 50 e os 70* no Mestrado em Design da UFPE, da qual foi extraído este artigo. Tal pesquisa acaba por relacionar duas áreas distintas, arquitetura e design, estando a arquitetura representada pela moradia brasileira e o design pelo móvel brasileiro.

Neste estudo foi percebido que o decênio de 1950 se destacou pela introdução de valores modernos na moradia, período de abordagem deste artigo. A difusão destes valores modernos acabou por facilitar a aceitação de uma nova tipologia habitacional, o edifício de apartamento multifamiliar, modalidade de habitação focada nesta pesquisa. O eixo Rio de Janeiro - São Paulo foi abordado com maior ênfase por esses dois grandes centros terem sido palco, entre os anos 30 e 60, da maioria das iniciativas em matéria de modernização da mobília brasileira.

Assim, o presente artigo se propõe a relacionar o apartamento brasileiro dos anos 1950 com seu mobiliário à luz dos acontecimentos paradigmáticos contextuais, entendido como as questões relativas ao meio cultural, social, político e tecnológico. Consiste numa colaboração para a história do mobiliário, da habitação e do design brasileiro ao traçar um panorama de quadro da moradia brasileira da década de 1950.

Metodologia

Na dissertação *Formas de Morar no Brasil: Entre os 50 e os 70* foi utilizado o método de abordagem dialético para relacionar o apartamento brasileiro, sua mobília e os acontecimentos paradigmáticos contextuais. Como método de procedimento foi utilizado o método histórico para investigar a história da habitação, da mobília brasileira e dos principais questões contextuais.

Esta etapa pesquisa foi embasada em um vasto levantamento bibliográfico que abrangeu teses, dissertações, monografias, artigos científicos, periódicos e livros que trataram sobre a moradia, o mobiliário e as características paradigmáticas do contexto brasileiro. O artigo está estruturado da seguinte forma: breve revisão histórica do país dos anos 1950; panorama da moradia brasileira; análise da mobília residencial brasileira; abordagem dos interiores domésticos; conclusão dos principais pontos encontrados.

O Brasil na década de 50

A década de 50 foi marcada por crescente euforia desenvolvimentista com a busca da diversificação econômica. As cidades sofreram um processo de verticalização e um grande surto de crescimento urbano. O Rio de Janeiro, por sua então condição de capital do país, ainda era uma referência cultural muito forte para as demais cidades e regiões.

A produção intelectual brasileira deu lugar a uma reflexão sobre as saídas do subdesenvolvimento do país, a uma nova literatura, ao concretismo. Na música, o eruditismo, o folclórico e a música de carnaval deram lugar à bossa nova. Com a busca do progresso, houve um esforço de expansão industrial, baseado, fundamentalmente, na substituição das importações.

A expansão industrial atingiu o mercado de eletrodomésticos instalando indústrias desses equipamentos no território nacional, o que propiciou o seu barateamento e, conseqüentemente, a ampliação do seu consumo que deixou de ser restrito apenas às elites. A esfera doméstica ainda era um ambiente feminino por excelência, assim, a divulgação dos novos aparelhos era dirigida às donas de casa e veiculada em publicações femininas especializadas sempre atreladas à promessa de facilitar a vida doméstica (Fig. 01).



Figura 01: Imagens que ressaltam a liberdade feminina atrelada ao uso dos eletrodomésticos (Habitat nº15).

Outro fator facilitador das tarefas domésticas se deu em consequência da expansão do setor de alimentos, acompanhada por uma importante mudança no consumo. Os supermercados começaram a substituir o armazém, a venda e o açougue e passou a comercializar alimentos como arroz, feijão e farinhas já empacotados de fábrica, não mais embalados na hora, retirados em tonéis, como haviam feito até então. Esse avanço tecnológico comprometeu os hábitos domésticos, a casa equipada passou a ser sinônimo de casa moderna.

A busca por tecnologias mais arrojadas deu origem a um inovador meio de comunicação, a televisão, responsável por alterações fundamentais na vida íntima das famílias, com reflexos na organização espacial. Os aparelhos de TV exigiram acomodações apropriadas ao fixar o espectador num determinado lugar por muito tempo, tendo sido responsável por mudanças no mobiliário cuja tônica principal passou a ser o conforto, exigência anteriormente secundária e atrelada acessoriamente às razões dos estilos (LEMOS, 1989, p.73).

A televisão tornou-se a vitrine da exibição e glamorização de novos materiais, objetos utilitários e equipamentos de conforto e decoração doméstica. Veio completar e dar o toque a esse processo iniciado pelo cinema, invadindo e comandando a vida das pessoas dentro do próprio lar (Fig. 02).



Figura 02: Charge de Péricles na revista O Cruzeiro da década de 1950. Evidencia a organização das atividades com base na programação da televisão. (BRITO, 2003, p. 294)

A grande influência da televisão acabou gerando preocupação com a possibilidade de padronização da cultura, da neutralização das distinções geográficas. *A arquitetura moderna, assim como o urbanismo e o equipamento da habitação tendem a se uniformizar entre os povos. O que há séculos atrás era difícil – o intercâmbio de ideias – hoje temos a todo momento com as facilidades de comunicações e transportes.* (RODRIGUES, Módulo nº11, 1958)

O impulso da industrialização e a liberdade de imprensa impulsionaram, ainda, a circulação de inúmeros jornais e revistas que, em conjunto com a televisão, ditaram o consumo e o comportamento moderno consistindo nos maiores responsáveis pela divulgação e promoção da produção não só artística e cultural, mas também tecnológica, incentivando a formação dos padrões estéticos e de comportamento (Fig. 03). Além do comportamento, a introdução da televisão influenciou, ainda, a difusão do móvel moderno e do apartamento como ideal de moradia.



Figura 03: capas da revista casa e jardim com noiva e mãe com bebê, destacando a família nuclear como modelo ideal. (MACHADO, 2007)

Apartamento dos anos 50: um ideal moderno

O ideal de modernidade presente no contexto brasileiro na década de 50 refletiu na arquitetura brasileira, representada principalmente pelos grandes palácios em construção da nova capital do país. Outro ponto de destaque foi a moradia de baixa renda, que se tornou uma plataforma de governo.

Em relação à moradia das demais classes sociais, o edifício de apartamentos passou a abrigar uma parte cada vez maior da população, símbolo do luxo, do bom gosto e do morar moderno. A ideia de modernidade estava garantida pela publicidade que ressaltava características modernas, tais como “confortáveis, sóbrios e racionais” e oferecia ao público uma série de comodidades extras com equipamentos que ilustravam a ideia de vida moderna.

A modernidade associada aos edifícios altos parecia ilustrar-se com inovações formais de volumetrias modernistas, remetendo ao modelo norte-americano de cidade. Nos casos de projetos de filiação modernista, vedações curvas ou eixos não ortogonais foram introduzidos no desenho surgindo ambientes com formas mais complexas (Fig. 04). (TRAMONTANO, 2004, p. 25)

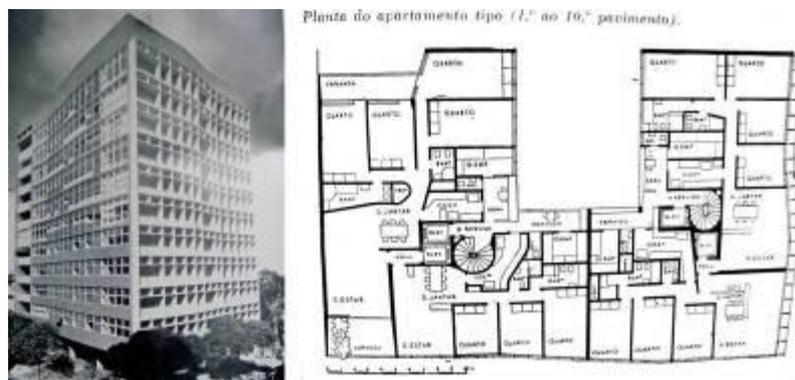


Figura 04: Edifício com paredes curvas e não ortogonais.
(Habitat nº 26, janeiro de 1956, Edif. em Copacabana).

Assim, os ambientes tradicionalmente ortogonais começaram a apresentar outros formatos ao tempo que sofreram redução dimensional. As salas exibiam as maiores áreas dentre os cômodos do apartamento, sendo a sala de jantar secundária em relação à de estar. Posteriormente, estes dois ambientes passaram a se apresentar em um espaço contínuo, cuja integração seguia o preceito modernista de continuidade espacial com a demarcação destes ambientes feita pelo mobiliário (Fig. 06) (VILLA, 2002, p. 142).

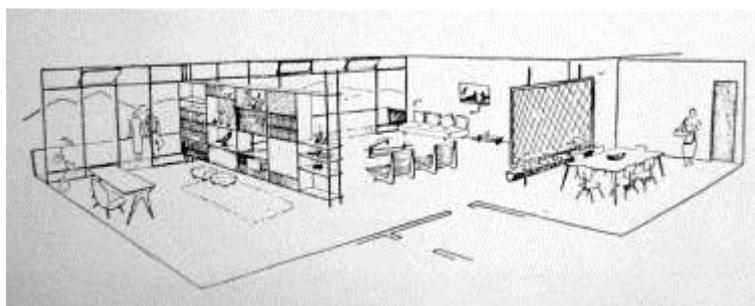


Figura 05: Perspectiva da sala de apartamento em São Paulo com salas integradas. (Habitat nº 07, p. 20)

A copa tornou-se rara, conjugou-se com a cozinha através de uma mesa para refeições, usada alternadamente por patrões e empregados. A cozinha equipou-se com os

eletrodomésticos que somados ao aparecimento dos supermercados, disponibilizando produtos em menores quantidades, permitiram a compactação deste espaço.

Com o alto custo dos empregados domésticos, a dona de casa também passou a utilizar esse espaço o que significou melhoria de acabamento e aproximação da sala. Nos apartamentos maiores, as áreas de serviço se expandiram para abrigar a máquina de lavar roupas, ao tempo que nos menores, houve uma redução de área e do número de cômodos deste setor. Os quartos também diminuíram seu tamanho ao tempo que o número de peças de mobiliário que deveriam ficar aí dispostos aumentou (Fig. 06).



Figura 06: A cantora Dalva de Oliveira na capa da revista Vida Doméstica destaca a mobília que deveria compor a habitação. (BRITO, 2003, p. 262)

O acesso aos quartos passou a ser exclusivo pela circulação íntima e não mais pela conexão direta entre os quartos. Apesar destes apartamentos serem organizados de maneira tradicional, os nomes dos cômodos foram, aos poucos, sendo trocados por nomenclaturas americanas como hall, o living-room, entre outros. A influência da televisão e demais meios de comunicação interferiu não apenas na absorção destas novas nomenclaturas como também na difusão dos conceitos estéticos de espaço doméstico e de seu mobiliário.

Mobiliário de 50: a busca de um estilo novo

A industrialização vivida pelo Brasil e a intensificação dos meios de comunicação de massa foram fatores que contribuíram para difundir o móvel moderno com o uso dos novos materiais, a aceitação de novas formas, padrões e tendências na decoração dos interiores. Entretanto, ao móvel moderno não bastava ser original, tinha que ser confortável, requisito que surgiu com a introdução da televisão nos lares e a maior permanência em um mesmo local. *O erro de tantos decoradores no momento é confundir original e novo. Os móveis de linha nova surgem de necessidade vital. Os móveis originais esquecem-se do conforto em prol do efeito visual* (JEAN, 1955:68).

Houve uma tentativa unânime junto aos arquitetos, artistas e artesãos de buscar uma linguagem nacional, brasileira, aliada aos princípios fundamentais do equipamento moderno, ou seja, a funcionalidade, a limpeza formal, e simplicidade construtiva e a viabilidade da industrialização. Assim, houve uma negação ao mobiliário de linhas antigas ao tempo em que se buscou a sobriedade das peças.

Outra questão recorrente no mobiliário do período, mesmo que preliminar, foi com a antropometria, decorrente da compactação dos espaços (Fig. 07). A matéria prima principal, utilizada foi a madeira tanto pela disponibilidade deste material como por ser mais

econômica, uma vez que as indústrias de plástico ainda estavam se instalando no país (RODRIGUES, Módulo nº11, 1958, p. 26). A chapa de fibra de madeira (chapa de compensado), o laminado plástico (mais conhecido como fórmica), o ferro cromado e estofamento em tecido e plástico, também ganharam enfoque especial.



Figura 07: publicação do modulor, de Le Corbusier, mediante o erro antropométrico da medida da altura do espelho da ilustração acima (Habitat nº 17, 1954).

Apesar da tentativa de encontrar uma linguagem brasileira do mobiliário, houve uma forte influência da estética norte-americana através dos meios de comunicação. Assim o uso de tons pastel (cores claras, de baixa e média saturação) nos laminados plásticos, como na mobília americana, foi utilizado no móvel doméstico brasileiro. Ainda, sob a mesma influência, foi comum o desenvolvimento de mobiliário com forma organicista (TEIXEIRA, 1996, p. 40).

Marcado pela euforia do desenvolvimentismo, pela crença no progresso e pelo desejo do novo, esse momento foi particularmente fértil em relação à difusão e aceitação do mobiliário moderno. Se por um lado, os princípios da modernização do móvel já estavam presentes e assentados, as circunstâncias históricas brasileiras nos anos 50 configuraram as condições necessárias ao desenvolvimento das principais experiências de industrialização da mobília.

Primeiras iniciativas de industrialização da mobília brasileira

A industrialização do móvel veio permitir a melhoria do modo de vida de uma grande parte da população, que sem isto, jamais poderia adquirir uma peça de artesanato (RODRIGUES, Módulo nº11). Muitas indústrias moveleiras do período continuaram fabricando um mobiliário tradicional numa linguagem já bastante gasta, outras se engajaram nas novas propostas estéticas do mobiliário moderno.

Michel Arnoult e Norman Westwater destacam que um dos problemas iniciais da fabricação de móvel em série no Brasil foi que o público interessado em mobília moderna não era tão grande que justificasse a produção em maior escala (Módulo nº07, 1957). Com o intuito de solucionar este problema, alguns pioneiros na industrialização da mobília no Brasil procuraram soluções que tornassem viável a fabricação em série.

A primeira experiência a nível industrial de móveis com uma linguagem moderna foi a Fábrica de Móveis Z (Fig. 08), criada em 1950. Tinha como figura central José Zanine

Caldas, que conseguiu baratear o custo do mobiliário em relação à produção artesanal. Os móveis eram quase que completamente industrializados, desmontáveis, com estrutura extremamente simples, utilizando como base a modulação para o aproveitamento máximo dos materiais (Habitat nº11, 1953, Conforto nos lares modernos).

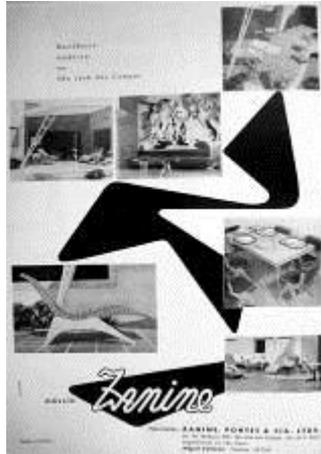


Figura 08: propaganda da Fábrica de Móveis Z. (Habitat nº07)

Em contraste com o mobiliário da Fábrica de Móveis Z (Fig. 09), surgiu a produção de Móveis Branco & Preto, com mobiliário de linhas delgadas, sóbrio e com formas bem definidas. O que caracterizou as peças desta empresa foi a interpretação do moderno pelo espírito da lógica despojada e pura, distinguindo-se pela leveza do aspecto. Inovou pelo conceito da loja, um local com profissionais capacitados para desenvolver desde o projeto de arquitetura de interiores até mobiliários, tapetes, luminárias e cerâmicas. (SANTOS, 1995, p. 111)



Figura 09: Propaganda da loja Branco & Preto. (Habitat nº 11)

Outra empresa importante, a Unilabor (Fig. 10), fundada em meados de 1954, se destacou pela industrialização formada por sistema de organização cooperativa que reuniu profissionais de varias áreas, dentre eles, o pintor, fotógrafo e designer Geraldo de Barros,

responsável pelo desenho de toda a produção (Design & Interiores nº06). Recorreu a modulação e a componentização, a possibilidade de combinar as peças o maior número de vezes possível, ao tempo que buscou um desenho compatível à redução dos espaços internos da moradia. Assim, os móveis da Unilabor procuraram resolver de forma conjugada problemas de forma, função e produção, dentro de condições mecanizadas (SANTOS, 1995:117).



Figura 10: Móvel Unilabor em 1955. (Design & Interiores nº6, p. 42)

Complementando o quadro de importantes empresas do setor mobiliário do período surgiu, em 1955, a L'Atelier através da associação de três marceneiros e o arquiteto polonês Jorge Zalsupin. Sempre atenta às inovações tecnológicas, foi uma das primeiras empresas a comercializar móveis de plástico (Fig. 11), tendo posteriormente se dedicado ao móvel de escritório.



Figura 11: cadeira Hille em plástico. (SANTOS, 1995, p. 118)

Vale ainda destacar a Ambiente S. A., que surgiu em São Paulo, em 1951, com o intuito de fornecer mobília para complementar a arquitetura. Arregimentou os melhores arquitetos, brasileiros e estrangeiros, que estudaram modelos de móveis capazes de se adaptar à atual arquitetura (Habitat nº73,1963, p. 34). Apesar destas inúmeras iniciativas de produção da mobília brasileira, o mercado brasileiro de mobiliário também dispunha de móveis europeus e americanos, a exemplo da loja Forma S. A..

As experiências por parte destas empresas brasileiras além de consistirem importantes contribuições para o desenvolvimento do mobiliário nacional significaram um avanço cultural na questão da arquitetura e planejamento de interiores.

Os interiores modernos de 50

Diante da consolidação dos apartamentos como forma moderna de morar, da busca de uma linguagem nova do mobiliário e suas iniciativas de industrialização, houve uma valorização dos profissionais ligados ao projeto de espaços internos. A decoração de interiores atingiu no momento as alturas de um intenso movimento, *merece entusiasmo porque é profissão absorvente* (TENREIRO, Módulo nº02, 1955).

A compactação dos espaços reforçou ainda mais a necessidade deste profissional na busca de um melhor aproveitamento espacial. Esta redução dos ambientes levou alguns arquitetos a projetarem o mobiliário como complemento dos apartamentos. Entretanto, aos arquitetos não bastava mobiliar os interiores, tinham que reunir singeleza de linhas com o conforto ditado pelas necessidades de seus habitantes. ... *Exige de seus criadores ampla compreensão da vida contemporânea e de vários de seus aspectos. Os moradores desta casa, quando confiaram sua execução ao arquiteto e ao decorador, o fizeram com a convicção de que eles lhes dariam o máximo de utilidade, conforto e beleza* (BRUCK, Habitat nº28, 1956:62).

Estas necessidades, por sua vez, seguiram o padrão ditado pela televisão e demais meios de comunicação em massa que veiculavam, inclusive, fórmulas para planejamento de interior. Os ambientes brasileiros, e seu mobiliário, sofreram, assim, uma forte influência da estética norte-americana então em voga.

A difusão de ideais modernos passou a exigir a unidade total, uma perfeita integração entre arquitetura, interior e mobiliário, sintonizados em uma linguagem única, contemporânea. Surgiu, assim, as premissas de racionalidade, funcionalidade e limpeza formal dos interiores modernos, aplicadas anteriormente na arquitetura. Nas salas, agora um ambiente único de jantar e estar, este conceito de unidade total também deveria ser aplicado com o mobiliário, responsável pela divisão espacial, restrito ao mínimo necessário para libertar qualquer barreira visual (Fig. 12).



Figura 12: Sala de jantar e estar separadas por estante vazada que permite a integração espacial. (Habitat nº21)

Além de integrado, estes ambientes ainda tinham que apresentar regionalismo através do uso de elementos locais e de expressões decorativas tradicionais. *Usar materiais e criar formas, se possível, dentro de tais princípios, e talvez inspirá-los, ora na rede do nordeste, nos barros cozidos e decorados dos indígenas, no banco de madeira... O que é necessário, o que se faz sentir no momento, é que a decoração enverede por um caminho próprio* (TENREIRO, Módulo nº2, 1955).

Sérgio Rodrigues acreditava que com o regionalismo seria possível conservar o espírito tradicional da arquitetura e dos equipamentos da habitação, que estavam se internacionalizando através dos meios de comunicação. *A nota tradicional no futuro só poderá ser*

dada por um toque regional, um objeto, uma peça do mobiliário, etc. o culto e a veneração por coisas relativas ao passado regional são indispensáveis no desenvolvimento de um povo (Módulo nº11, 1958).

Apesar destas iniciativas modernas, ainda era possível encontrar apartamentos tradicionais, com móveis de estilo antigo, ou mesmo salas que reuniam mobiliário antigo e novo formando um contraste de estilo. Além da mobília, equipamentos tecnológicos como a rádio-vitrola e a televisão também foram usados como pontos de destaque na decoração. Como percebe-se, a decoração dos apartamentos seguiu os mesmos preceitos modernistas do contexto sócio, econômico vivido no período.

Conclusão

Diante do rebatimento traçado da moradia e mobiliário com os acontecimentos contextuais do decênio de 1950 ficou evidente que a busca pelo progresso do país refletiu na forma de morar brasileira. Assim, houve a aceitação do apartamento como tipologia habitacional moderna, associada ao crescimento e desenvolvimento das cidades.

O crescimento industrial brasileiro acabou por inserir equipamentos no setor doméstico, como os eletrodomésticos, que permitiram a compactação espacial dos ambientes da habitação, seguida pela redução dimensional do seu mobiliário. Este mesmo desenvolvimento industrial atingiu o setor moveleiro que manifestou suas primeiras iniciativas de industrialização.

A propagação dos meios de comunicação, reforçada pela introdução da televisão, mudou hábitos e comportamentos ao tempo que contribuiu para difusão de novos ideais estéticos que atingiram a moradia e sua mobília. Assim, houve o uso de novas matérias-primas na mobília ao tempo que foi recriminada a utilização de mobiliário de estilos anteriores, já que a limpeza formal foi um objetivo buscado. Limpeza formal esta que foi expandida aos interiores domésticos na busca de funcionalidade e integração, pressupostos da arquitetura moderna do período. Surgiram, ainda, preocupações preliminares com a antropometria, decorrente da redução espacial da moradia, e com conforto, uma vez que a introdução da televisão exigiu maior permanência em um mesmo local.

Estas modificações ocorridas no ambiente doméstico em decorrência dos acontecimentos contextuais não são restritas ao decênio de 1950, elas são ininterruptas e contribuem para moldar a configuração da moradia às transformações sofridas pela sociedade. No caso brasileiro, os decênios de 1960 e 1970 também foram abordados pela dissertação *Formas de morar no Brasil: entre os 50 e os 70*, de onde foi recortado este artigo.

Tal estudo emergiu algumas possibilidades de pesquisas futuras, dentre as quais, o estudo regional mais aprofundado do tema. Com este foco, tem sido desenvolvida pelas autoras deste artigo uma tese, no doutorado em design da UFPE, que tem como recorte local a cidade do Recife. Tal pesquisa é importante para ampliação do conhecimento da memória material brasileira.

Referências

BAYEUX, Glória. **O móvel da casa brasileira**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 1997.

BERQUÓ, Elza. **Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica**. In: História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

BRITO, Marilza Elizardo. **A vida cotidiana no Brasil Nacional: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1930-1970)**. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2003.

BRUCK, Peter. **Uma residência conceito**. In: Habitat, São Paulo, março de 1956, nº28, 6º ano.

CAVALCANTI, Virginia. **O Design do móvel contemporâneo brasileiro: da diversidade à especificidade**. Tese. São Paulo: USP, 2001.

COSTA, Lúcio. **O arquiteto e a sociedade contemporânea**. In: Módulo, Rio de Janeiro, agosto de 1955, nº 02, ano 01.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2008.

JEAN, Yvone. **O perigo da originalidade a qualquer preço**. In: Habitat nº25, São Paulo, dezembro de 1955, 6ºano.

LEMOS, Carlos A. C. **História da casa brasileira**. São Paulo: contexto, 1989.

LEON, Ethel. **Zanine, o mago da madeira**. In: Design & Interiores. São Paulo, n. 14, ano 2.

MACHADO, Paula Merlino. **Casa e Jardim: a revista e a divulgação do ideário moderno da década de 1950**. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

PAULA, Viviane da Cunha. **Espaço e sociedade: apartamentos no Rio de Janeiro no século XX**. Tese. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU – PROARQ, 2007.

PEREIRA, Carla Patrícia de Araújo. **Cores no desenho de produtos no século XX: breve abordagem histórica**. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/6701462>, acesso em 25 de março de 2009.

PONTUAL, Julice. **Formas de morar no Brasil: entre os 50 e os 70**. Dissertação. Recife: UFPE, 2009.

RODRIGUES, Sérgio. **Tendência do móvel moderno**. In: Módulo, Rio de Janeiro, dezembro de 1958, nº11.

SEGAWUA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1997.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **O móvel moderno no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso**. In: História da vida privada no Brasil 3. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. **A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio**. In: História da vida privada no Brasil 3. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

TEIXEIRA, Maria Angélica. **Mobiliário residencial brasileiro: criadores e criações**. Uberlândia: Zardo, 1996.

TRAMONTANO, Marcelo. **Novos Modos de Vida, Novos Espaços de Morar: Paris, São Paulo, Tokyo**. Uma reflexão sobre a habitação contemporânea. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1998.

TRAMONTANO, M. **SQCB: apartamentos e vida privada na cidade de São Paulo**. Tese de Livre-Docência. São Carlos: EESC-USP, 2004.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador, BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VILLA, Simone Barbosa. **Apartamento metropolitano: habitações e modos de vida na cidade de São Paulo**. Dissertação, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2002.

MEU TIO. **Mon Oncle**. Jacques Tati. França: 1956. Austrália, Nova Zelândia, América Central, América do Sul: Amazon Digital Editora e Dist. Ltda. DVD (116 min.), colorido.

Ambiente S. A. 12 anos. In: Habitat, São Paulo, setembro de 1963, nº73.

O arquiteto e a sociedade contemporânea. In: MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, agosto de 1955, ano 1, nº2.

O conforto dos lares moderno. In: Habitat, São Paulo, junho de 1953, nº11, ano III.